

## **Mais respeito pelas árvores da nossa cidade! O vergonhoso caso do Carolina Michaëlis**

À maior parte de nós foi impingida a ideia de que as árvores têm de ser podadas para assim ficarem mais fortes, saudáveis e robustas. E que só assim podem crescer sem problemas, como se a poda fosse uma panaceia. Deixem-me dizer-vos o quanto isto é falso! Por causa desta concepção errada que se generalizou, muitas árvores foram desnecessariamente e exageradamente mutiladas, com prejuízo para todos.

A técnica de podar é, de facto, importante em termos agrícolas para aumentar a produtividade de certas espécies e a qualidade dos seus frutos. Desempenha também um papel importante nas árvores ornamentais. Contudo, este trabalho deve estar reservado a técnicos com conhecimentos seguros da sua biologia e das técnicas envolvidas – o que não acontece na maioria das vezes.

Um triste exemplo que conheço bem é o da Escola Secundária Carolina Michaëlis, uma das maiores do Porto. Esta escola foi rodeada, pouco depois da sua construção, de um frondoso arvoredo que por certo não terá passado despercebido a quem conhece a zona. Uma grande variedade de espécies e a sua plantação em locais cuidadosamente escolhidos dotaram o “Carolina” de um invejável jardim, com evidentes vantagens para os seus utentes: os alunos, professores e funcionários.

Infelizmente, o actual espaço verde é uma sombra do passado. Longos anos de sistemáticas podas drásticas, de abate quase indiscriminado de árvores, enfim, de uma total falta de sensibilidade e respeito pelas árvores, despojaram o jardim do seu carácter emblemático, votando-o a um espaço despido sem especial beleza. Nem a plantação há uns 5 anos de várias árvores inverteu esta tendência, pois a destruição prosseguiu a um ritmo determinado e constante. Há cerca de um mês deparei com o abate de duas lindíssimas amoreiras situadas no parque de estacionamento, que funciona também como entrada lateral da escola (devo referir que, para alcatroar esta área, há 4 anos, foram abatidas outras duas amoreiras). Justificação? As amoras sujavam os carros!!

Vejam só: num país cujas ruas estão atulhadas de lixo, que não aproveita os seus resíduos, que aplica pesticidas nos alimentos sem cuidados especiais, e ninguém parece muito preocupado com isso, há por outro lado um conjunto de professores que se arrogam o direito de cortar árvores com dezenas de anos... por causa da sujidade das suas amoras! Mas que conceito de limpeza é este, que trata as amoras como algo sujo? Que se está a ensinar aos alunos? Afinal, o que é mais importante: a falsa limpeza da pintura do carro ou a vida das árvores (ainda por cima de uma espécie pouco comum no Porto)?

Mas mesmo admitindo que este requinte absurdo e patético faria sentido, havia soluções que evitariam o abate das árvores: qualquer coisa tão simples quanto a instalação de uma rede sombra por baixo das copas! Mas o mal está feito. Que vergonha! Que falta de vergonha! Que falta de respeito pelas árvores! E que incompetência, que falta de critério, de originalidade, que deturpação das prioridades e de valores!

Confesso, meus caros leitores, que esta situação me revolta profundamente. Não consigo entender como se pode chegar a este estado de “novo riquismo”. Não consigo. Expliquem-me quantas vezes quiserem que, mesmo assim, direi que não faz sentido. Direi que não está certo, que não era necessário, que havia alternativas.

Na vida temos de ser capazes de distinguir o essencial do acessório; o prioritário do secundário; o relevante do irrelevante. O Carolina Michaëlis optou, conscientemente, pelo acessório, pelo secundário, pelo irrelevante. E assim deixou agoniar e chegar a um lamentável estado de degradação um espaço que lhe cabia preservar, quanto mais não fosse para prestigiar uma instituição que tantos milhares de jovens já formou. Cuidar do património, seja ela natural ou construído, não é direito nem opção: é uma obrigação! Mas destruir esse mesmo património através de sucessivos actos conscientes é, indubitavelmente, revelador de uma mentalidade perversa que requer tratamento imediato.

Nuno Quental

Eng. do Ambiente

nquental@mail.esb.ucp.pt

22/9/2002